

## Retrato Hélio Osvaldo Alves



As luzes baixaram ligeiramente em toda a sala e o Colóquio, a que fora dado o título **Uma Cidadania para a História**, começou. Sem que os oradores da primeira parte do programa se apercebessem logo, apareceu projectada por detrás deles, ligeiramente para a direita do público, uma fotografia do Prof. Victor de Sá, a mesma que ilustra estas breves palavras. Estava presente, desta forma, o patrono não só do Colóquio, como principalmente da ideia básica fundamental que presidira à instituição do Prémio de História Contemporânea, cujo décimo aniversário agora se comemorava sob os auspícios do Conselho Cultural da Universidade do Minho.

Mais do que à comemoração de uma efeméride, os oradores que tinham aceitado vir participar neste Colóquio, bem assim como os familiares do Prof. Victor de Sá e o público que a ele decidiu assistir, sem esquecer a presença sempre honrosa dos Mecenias e sublinhando a estimada participação do Senhor Reitor da Universidade do Minho, Prof. Doutor Licínio Chainho Pereira, todos eles sabiam que vinham dar apoio a uma causa única no país, ou seja, à defesa da dignidade da investigação histórica feita pelos jovens deste país, por aqueles que são o seu futuro, aqueles que ajudarão a fundamentar a nossa identidade. Por isso, a profundidade da ideia que presidiu a este Prémio nunca poderá ser por demais elogiada. Por isso, todas estas pessoas, que compreendem o alcance desta ideia, vieram participar nela.

Daí que fosse essencial a presença do retrato do Prof. Victor de Sá connosco naquela sala, naquele dia. Ausente-presente, e mais ainda presente porque ausente contra sua vontade, a sua atitude de homem batalhador, decidido, adivinha-se só com que custos pessoais, está bem patente no gesto da mão com o qual parece defender o que o espírito lhe dita. Seguro de si, olhando para fora do mundo que tenta retratá-lo, como que procurando no mais-além as valias que, sorrateiramente, o presente lhe tenta furtar, a figura de Victor de Sá está, ao mesmo tempo, calma, conhecedora dos valores que defende, sabendo no íntimo que o que vale a pena é tantas vezes vilipendiado por aqueles que, sem exercitarem o seu pensamento porque não podem, julgam ter alcançado tudo o que é alcançável no campo da sabedoria. E fecham-se nas suas torres de pseudo-marfim, com os seus obsequiosos séquitos de seguidores, de onde só saem para maltratar os que pensam e se preocupam. Esta sabedoria antiga sobre o que é o lado negro da natureza humana, sabedoria essa que nada nem ninguém pode aniquilar, está impressa na atitude de Victor de Sá, tenazmente impondo e defendendo a sua diferença.

Dito isto, que é tão pouco, conviria talvez sublinhar este retrato espiritual com uma legenda que tentasse, de alguma forma, sintetizar o que este homem foi e será, por muito que das torres de pseudo-marfim os seus inseguros ocupantes esbracejem e praguejem. Uma legenda que retratasse também, do fundo dos tempos, esta ansiedade por tudo o que é sério e construtivo que só se encontra nas pessoas que têm em vista, como único e difícil fito, ajudar a que a Humanidade dê um qualquer pequeno passo na senda alongada da sua

realização plena. Alguns regozijam-se em chamar a isto um sonho, uma quimera, uma utopia, e tentam ridicularizar sentimentos que não saberão nunca o que significam. Outros chamam a isto um Sonho, uma Utopia, e na saga de perseguir este Sonho, esta Utopia, encontram a realização inapelável das suas vidas.

O poeta universal Carl Sandburg escreveu um dia:

Há sonhos mais fortes que a morte.

Homens e mulheres morrem abraçados a esses sonhos.

Existirão, com certeza, outras legendas que poderão servir para ilustrar melhor este retrato de Victor de Sá. Mas eu gostaria de pensar que estes singelos versos não lhe desagradariam.